



## MÚSICA COMO MERCADORIA E CONSUMO: A IDEOLOGIA REGRESSA E MASSIFICADA DA INDÚSTRIA CULTURAL

*LA MÚSICA COMO MERCANCÍA Y CONSUMO: EL RETORNO Y LA IDEOLOGÍA MASIVA DE LA INDUSTRIA CULTURAL*

*MUSIC AS MERCHANDISE AND CONSUMPTION: THE REGRESS AND MASSIVE IDEOLOGY OF THE CULTURAL INDUSTRY.*

Erickson Rodrigues do Espírito Santo<sup>1</sup>

Arnaldo Nogaró<sup>2</sup>

### Resumo

Ao ressaltar a perda de alteridade da Grande Música, em face da Indústria Cultural e a relação ética/estética à luz da razão própria, vemos de uma forma dialética o prejuízo musical que a Grande Música sofre na mídia sob o ponto de vista de horizonte musical. Assim, o presente artigo, apoiado em Adorno, Levinas e Marx, trata sobre a diferença entre a Grande Música e a música de massa como estilos musicais distintos, critica o atual cenário massivo da música como mercadoria cultural e avalia a relação ética/estética da Grande Música. Logo, de um lado há um ideal de beleza pela experiência estética e, de outro, há a alienação e o fetiche como início do declínio da conduta musical o que acarreta na perda da alteridade pedagógica musical. Portanto, essa situação possui implicações pedagógicas que essa pesquisa pretende abordar.

**Palavras-chave:** Consumo; Indústria cultural; Mercadoria.

---

<sup>1</sup> Professor da Educação Básica. Doutor em Educação pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI - Frederico Westphalen). Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). E-ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9736-8984> mail: [erickson.santo@unoesc.edu.br](mailto:erickson.santo@unoesc.edu.br)

<sup>2</sup> Professor da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Erechim, Departamento de Ciências Humanas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0517-0511> e-mail: [arnaldo@fw.uri.br](mailto:arnaldo@fw.uri.br)

### **Abstract:**

By emphasizing the alterity loss of the Great Music, in face of Cultural Industry and the ethic/aesthetic relation according to its own reason, we see in a dialectical way the musical loss that the Great Music has suffered in the media from the musical horizon point of view. This article, supported by Adorno, Levinas and Marx, deals with the difference between the Great Music and the massive music as distinct musical styles, criticizes the music current massive scenario as a cultural merchandise and evaluate the ethic/aesthetic relation of the Great Music. Therefore, in one hand there is a beauty ideal through the aesthetic experience, by the other hand, there is alienation and the fetish as the music decline beginning which leads to the loss of musical pedagogical alterity. Thus, this situation has pedagogical implications this research intends to address.

**Keywords:** Consumption; Cultural industry; Merchandise.

### **Resumen:**

Al enfatizar la pérdida de alteridad de la Gran Música, frente a la Industria Cultural y la relación ético/estética a la luz de su propia razón, vemos de manera dialéctica el daño musical que sufre la Gran Música en los medios de comunicación desde el punto de vista del horizonte musical. Así, este artículo, apoyado por Adorno, Levinas y Marx, aborda la diferencia entre la Gran Música y la música de masas como estilos musicales distintos, critica el actual escenario masivo de la música como mercancía cultural y evalúa la relación ético/estética de la Gran música. Así, por un lado, existe un ideal de belleza a través de la experiencia estética y, por otro lado, existe la alienación y el fetiche como inicio de la decadencia de la conducta musical, que lleva a la pérdida de la alteridad pedagógica musical. Por lo tanto, esta situación tiene implicaciones pedagógicas que esta investigación pretende abordar.

**Palabras clave:** Consumo; Industria cultural; Mercancías.

## **Introdução**

A compreensão pedagógica da relação ética/estética e da educação musical, busca a verificação da existência da perda da alteridade que a Grande Música sofre pela Indústria Cultural. Assim, esse estudo tem por finalidade o delineamento dos pressupostos da Indústria Cultural e como isso influencia na ideologia regressa dos consumidores com o intuito de atingir a massa social.

Nesse sentido, considerando que os produtos da Indústria Cultural são produzidos em série, em massa e planejados, ela produz um produto cultural para o consumo, feito para gerar lucro e para a movimentação de uma indústria econômica que tem a cultura como seu principal elemento.

Esse primeiro ponto se faz importante diante da reflexão a ser realizada, num segundo momento, acerca da Grande Música de Adorno com uma leitura cogente em Marx e Levinas, conjugada à ética e à estética no intuito de resgatar a importância formativa das humanidades na escola.

Portanto, Adorno (1986) ao cunhar o termo Indústria Cultural, visa explicitar conceitos que possibilitem pensar em uma educação emancipadora que resista e conteste as ações pedagógicas que alienam e fetichizam o ser humano. *Pari passu*, busca a apreciação da Grande Música como meio para a educação.

### **A ideologia regressa da música como mercadoria e a ética/estética como resgate de uma educação formativa**

A partir do conceito de Indústria Cultural, compreendemos, à luz de Adorno, a diferença entre a Grande Música e a música de massa como fenômenos musicais distintos e como a Grande Música é prejudicada nessa relação de alienação e consumo. O termo Indústria Cultural, cunhado por Adorno e Horkheimer, “[...] mostra a regressão do esclarecimento à ideologia, que encontra no cinema e no rádio sua expressão mais influente.” (ADORNO, 1986, p. 14).

A Indústria Cultural é constituída dentro e por uma mentalidade própria do sistema capitalista, alienante que revela uma severa ruptura na autonomia do ser humano, mostrando o retrocesso do esclarecimento musical, o controle técnico/midiático musical e o monopólio capitalista dos meios de comunicação que fetichiza e aliena a massa.

À vista disso, os ideais da Indústria Cultural se destacam na importância de uma sociedade capitalista fruto da industrialização, que produz em série sem a preocupação com a técnica, onde até mesmo a cultura é vista como produto

comercial, pois “Por enquanto, a técnica da Indústria Cultural levou apenas à padronização e à produção em série. (ADORNO, 1986, p. 100).

Essa produção em série que se refere Adorno (1986) pode ser traduzida pela produção da (in) cultura em série padronizada que a Indústria Cultural cultua, através da música de massa, onde a música é produzida especificamente para o consumo, sem valor estético e se torna mercadoria, assim “O comportamento valorativo tornou-se uma ficção para quem se veem cercados de mercadorias musicais padronizadas.” (ADORNO, 2000, p. 66).

Nesse sentido, Adorno (1986, p. 99) insiste que “[...] sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear.” O que se assevera é o que se aprecia, se contempla e ouve na música de massa acaba por denotar uma mesmice em sua estrutura musical, uma música que visa um capricho mascarado pelo capitalismo, sem uma identidade própria, sem técnica alguma, uma simplicidade arbitrária. Sob este aspecto, a mídia capitalista usa a música de massa, calcada na Indústria Cultural em verdade como um

[...] negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. (ADORNO, 1986, p. 99).

A crítica adorniana evidencia a preocupação em produzir capital através da música de massa, a obra sem a necessidade de experiência estética, sem um vínculo técnico, sem o dever social da música, apenas com a finalidade do consumo e do fetiche. Nesse momento, a Grande Música sucumbe perante a música de massa, priorizando a alienação que julga os modismos atuais, “[...] em nossos dias, certamente mais do que em qualquer outra época histórica, todos tendem a obedecer cegamente à moda musical.” (ADORNO, 2000, p. 65).

Na visão adorniana, a Grande Música não é um produto da moda, de consumo, que tem por intuito atender os meios de comunicação de massa. A Grande Música não pode ser um simples adorno, um entretenimento. A premissa adorniana é justamente o contrário do que a música de massa abriga, imposta pelo capitalismo, que aliena e torna seus ouvintes seres autômatos; em contrapartida, a Grande Música traz valores que estão incrustados em seus compositores, bem como fará que haja um pensar por parte de quem a ouve.

Ao se tornar tal como um autômato, o ser humano se aliena a uma mídia consumista, que tem o poder de persuasão, de moldar suas vontades e seus pensamentos, justamente o que preconiza a música fabricada pela Indústria Cultural, que “[...] impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente.” (ADORNO, 1996, p. 08).

Essa automatização imposta pela Indústria Cultural acaba impedindo a capacidade de fruição estética dos seres humanos, pois a “[...] arte ainda terá que comprovar sua utilidade.” (ADORNO, 1986, p. 35). Logo, não há uma recepção imediata e pura do que é percebido, entretanto, o que há é uma experiência “enlatada”, reproduzida no cerne da Indústria Cultural

Fica evidente que a arte proposta pela Indústria Cultural está longe de conscientizar os educandos e a sociedade como um todo, sua experiência formativa é voltada à alienação e não possui caráter pedagógico emancipatório. Desta forma, a apreciação estética no âmbito da Indústria Cultural sempre ficará em segundo plano e não haverá uma formação para emancipação, onde os envolvidos se reconheçam como partícipes do processo cultural produzido pela coletividade. Nessa linha de pensamento, a massificação da Indústria Cultural é produzida em larga escala e a arte passa a ser destinada ao consumo rápido e, conseqüentemente, ao lucro.

Ora, se as obras são produzidas em larga escala, visando o lucro e não possuem um caráter formativo, a pergunta de quanto a ideologia regressa da Indústria Cultural influencia a massa ao consumo da música como mercadoria? Sua resposta fica plausível ao se debruçar os olhares sobre os pressupostos da música midiática apenas como produção em larga escala (“fordismo”). Logo, na visão adorniana, a Indústria Cultural é explicada por meio da arte/música consumida pelas massas, uma mercadoria que não é mais produzida pelo trabalho artesanal ou de criação artística, mas de acordo com as grandes indústrias, que propõem um modelo de industrialização e automatização da cultura.

Sendo a cultura um processo industrializado, os consumidores da Indústria Cultural se tornam deslocados do tempo. São autômatos, sem leitura e sem entendimento de mundo, pois a automatização imposta pelo processo fabril transforma a Indústria Cultural em bússola social onde a razão/consciência seja trocada pelo conformismo. A Indústria Cultural é “[...] o guia dos perplexos, e apresentando-lhes de maneira enganadora os conflitos que eles devem confundir com os seus, a Indústria Cultural só na aparência os resolve, pois não lhe seria possível resolvê-los em suas próprias vidas.” (ADORNO, 1986, p. 97- 98).

Portanto, a perplexidade engendrada por meio de aparências oriundas da Indústria Cultural, ocorre a partir do “[...] poder magnético que as ideologias exercem sobre os homens, mesmo quando já dão sinais de estarem rotas, explica-se, para além da psicologia, pela decadência objetivamente determinada da evidência lógica enquanto tal.” (ADORNO, 1993. p. 94). Tais ideologias que têm poder magnético e fetichizante, fazem com que o ser humano perca sua autonomia.

Quando o ser humano perde sua autonomia, perde também a capacidade de discernir o comportamento musical. Perde, assim, sua alteridade, pois não encontra beleza e singularidade na apreciação musical, bem como seu poder de síntese, seu valor estético, de tal modo o que reina é o fetiche, a música como mercadoria que tem o poder de adestramento do imaginário.

Logo, o conceito

[...] de fetichismo musical não se pode deduzir por meios puramente psicológicos. O fato de que "valores" sejam consumidos e atraiam os afetos sobre si, sem que suas qualidades específicas sejam sequer compreendidas ou apreendidas pelo consumidor, constitui uma evidência da sua característica de mercadoria. Com efeito, a música atual, na sua totalidade, é dominada pela característica de mercadoria. (ADORNO, 1996, p. 77).

A citação cima explana que a partir do fetiche a Grande Música se torna mercadoria, dessa forma se faz necessário trazermos à baila para essa pesquisa os pressupostos de Karl Marx, para elucidar os conceitos de fetiche e mercadoria, o quais trataremos no segundo capítulo da tese. Por outro lado, em um contexto educacional, o fetichismo musical acaba por intervir diretamente na educação e na emancipação pedagógica, que está longe de ser uma mercadoria. O fetiche faz com que haja uma regressão à barbárie e por que não dizer à escuta musical a fim de manter uma cultura de massa, medíocre e automatizada, pois "[...] quem defende a manutenção da cultura radicalmente culpada e medíocre, converte-se em cúmplice, enquanto aquele que recusa a cultura, promove imediatamente a barbárie que a cultura revelou ser." (ADORNO, 1995, p. 09).

Fica evidente, na citação anterior, a crítica radical de Adorno (1995) à cultura vigente, em que pese a civilização ocidental e paradoxalmente enquanto aquele que recusa totalmente a cultura, promove a barbárie. Isso demonstra que, na humanidade, encontramos elementos regressivos que podem nos fazer voltar a comportamentos extremamente diferentes e violentos contra o Outro, o "não idêntico", como o que ocorreu em Auschwitz.

Nessa linha de raciocínio, Adorno (1995), a partir dos acontecimentos de Auschwitz, declara que o âmbito educacional deve estar calcado em duas inquietações que permeiam nossa reflexão: a) o passado nacional socialista; b) a educação política antiautoritária. Portanto, evitar as atrocidades que aconteceram em Auschwitz é a primazia para a educação libertadora e emancipatória, haja visto que "A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica". (ADORNO, 1995, p. 121). Mas, para termos uma educação dirigida para a autoformação crítica e reflexiva é necessário partir da premissa ou rechaçar qualquer intenção que queira repetir

Auschwitz. Alimentar o debate acerca de ações pedagógicas que caminhem na sua contramão. (ADORNO, 1995).

Nesse sentido, de que maneira a humanidade pode buscar uma educação crítica voltada à diversidade e à emancipação como pressupostos para fundamentar práticas pedagógicas formativas no ensino da música? Acima de tudo, devemos ficar longe dessa semiformação que a Indústria Cultural emana, que no fundo ressalta conteúdos irracionais e conformistas, logo, “[...] pessoas que se enquadram cegamente no coletivo fazem de si mesmas meros objetos materiais, anulando-se como sujeitos dotados de motivação própria.” (ADORNO, 1995, p. 128).

A contraposição para que não se anule os sujeitos com motivação própria e proativa para a humanização, ocorrerá pelos meandros de uma educação resistente, que seja voltada a identificar as contradições inerentes que permeiam o processo ensino-aprendizado. Assim sendo, a educação na visão adorniana traz como princípio a emancipação humana, que, em linhas gerais, é o ato de potencialidades cognitivas exercido de maneira livre, sem a interferência da Indústria Cultural para que a formação humana tenha o caráter emancipatório e crítico.

Uma educação emancipatória e crítica, que evoque os preceitos éticos e estéticos, deve propiciar uma experiência formativa capaz de fazer com que se compreenda o presente como decorrência de um percurso histórico em que o sentido emancipatório seja construído a partir um passado vivido, o qual precisa ser visto não como algo determinado, pré-fixado, mas que pode e deve ser rompido no seio societal. (ADORNO, 1995).

Portanto, fica evidente a preocupação de Adorno (1995) em não deixar a repetição do passado à luz de um holocausto e sua barbárie, bem como para que toda forma de perseguição étnico racial não aconteça mais. Para chegar a isso há que se retomar os acontecidos no passado para repensar o presente, lembrando o passado e nele identificar a violência que significou para entendermos o futuro à luz de um processo de ensino aprendizagem que instaure a lucidez da consciência e aborte qualquer iniciativa que queira reviver aquelas experiências espúrias e desumanas.

### **Resistência à barbárie pela musicalização infantil: o “NÃO” à regressão da escuta**

Os preceitos adornianos sobre educação são cunhados no pós-Segunda Guerra, em que pese em seus relatos sobre Auschwitz, nesse momento ele se refere à guerra como sendo a falta de capacidade de diálogo que leva os seres humanos à

barbárie, pois a “[...] exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação.” (ADORNO, 1995, p. 177).

O fato da não repetição de Auschwitz para o contexto educacional é de grande significado, pois esse local é o auge da barbárie, da segregação humana e da perda da alteridade. Auschwitz é o reflexo de um projeto de dominação universal que perpassa as questões singulares do sujeito, cuja ação, se colocada em prática no âmbito pedagógico, culminaria no fracasso escolar. O reconhecimento do outro e de sua identidade, o saber ouvi-lo e acolher sua fala não são processos naturais de nossa natureza. Com nossa condição societária instituída eles são provocados por processos educativos da sensibilidade humana e pela instauração de atitudes que caminhem no acolhimento do outro.

Nessa perspectiva de avidez da singularidade humana, colocando os preceitos de alteridade como fomento para a negação da regressão da escuta, como vislumbrar uma educação musical/musicalização infantil crítica e emancipatória? Pela formação humana, a partir dos pressupostos culturais, onde dar-se-á ênfase ao ethos por meio da desbarbarização da escuta.

O processo de desbarbarização assenta-se sob a égide da formação pedagógica e tem como finalidade principal o início do processo contra uma educação de barbárie que está arraigada nos preceitos da Indústria Cultural.

Esta é uma situação em que se revela o fracasso de todas aquelas configurações para as quais vale a escola. Enquanto a sociedade gerar a barbárie a partir de si mesma, a escola tem apenas condições mínimas de resistir a isto. Mas se a barbárie, a terrível sombra sobre a nossa existência, é justamente o contrário da formação cultural, então a desbarbarização das pessoas individualmente é muito importante. A desbarbarização da humanidade é o pressuposto imediato da sobrevivência. Este deve ser o objetivo da escola, por mais restritos que sejam seu alcance e suas possibilidades. (ADORNO, 1995, p. 115-116).

Pela desbarbarização da humanidade se evita o fracasso escolar, reconhece o outro, o não idêntico, logo, temos formação humana constituída por meio de um pensamento crítico e autônomo, que se contrapõe aos pressupostos da Indústria Cultural. Assim, torna-se possível instaurarmos a virada ao passarmos de uma realidade de estudantes embasados na semiformação da regressão da escuta para estudantes autônomos, racionais e cômicos.

No entanto, há de se mencionar sobre o sujeito identificado em Auschwitz como não-idêntico. Sua identidade calca-se na pseudoexistência, não vislumbra a formação cultural, pelo fato de estar assentado no autoritarismo e, nesse sentido, perder a alteridade, a emancipação e a possibilidade de criticidade em seus

pensamentos. Ora, o que se configura aqui, é que Auschwitz tornou os seres humanos automatizados para morte, de uma maneira nunca vista antes, publicizando-a e fetichizando-a à luz da barbárie, como processo reconhecido de iminência civilizatória, quando na verdade foi anticivilizatório, repulsivo.

Nessa perspectiva, frente às narrativas de Auschwitz, como a educação enquanto processo formativo, à luz da musicalização infanto-juvenil pode tornar-se resistência aos riscos da regressão à barbárie? Para responder tal questionamento deve-se compreender e entender o processo de musicalização nas escolas brasileiras, sobretudo na Educação Básica, especificamente o Ensino Fundamental I.

Nessa linha de raciocínio, se deve considerar que a primeira das barbáries no processo formativo da educação musical é o de regressão da escuta. Isso ocorre pelo fetichismo musical que é algo posto ou imposto pela Indústria Cultural que nega a autonomia da apreciação estética e, por conseguinte, corrobora com a regressão da escuta.

Lógico que seria leviano comparar Auschwitz com a regressão de escuta, porém tais comparações servem como ponto de referência para a reflexão sobre o processo formativo de um ouvido pensante. Assim como a educação em Auschwitz que foi oferecida para uma sociedade alemã com o fim de legitimar o holocausto, a regressão da escuta legitima a gênese de uma cultura musical, por meio da reprodução cultural e social embasada em uma educação rígida e disciplinar. No entender de Adorno (1995, p. 128), a educação baseada na força e voltada à disciplina, seria necessária para constituir o tipo de homem que lhe parecia adequado. “Essa ideia educacional da severidade, em que irrefletidamente muitos podem até acreditar, é totalmente equivocada.”

Nessa linha de raciocínio, a educação crítica e emancipadora, em sua égide, não contempla a força e a disciplina como pressupostos da formação pedagógica, mas sim critérios racionais e formativos que partam da premissa da negação à Indústria Cultural. Em linhas gerais, ela é a responsável por interferir na capacidade cognitiva dos seres humanos em que pese em seu agir com autonomia, ou melhor, a Educação está no fato de ela ter se afastado de seu objetivo essencial, que é promover o domínio pleno do conhecimento e a capacidade de reflexão.

Portanto, nesse processo de automação cognitiva a educação se transmuta em um mero produto, a serviço da Indústria Cultural, que trata o processo ensino aprendizagem como mercadoria pedagógica em nome de uma pseudoformação/semiformação. Logo, “[...] pessoas que se enquadram cegamente em coletivos convertem a si próprios em algo como um material, dissolvendo-se como seres autodeterminados. Isto combina com a disposição de tratar outros

como sendo uma massa amorfa. (ADORNO, 1995, p. 129). Assim sendo, essa nulidade do processo formativo autônomo, traz consequências no desenvolvimento pedagógico à luz de uma autorreflexão, pois a educação massificada deforma o pensar.

O processo formativo autônomo visa uma formação cultural que está intrínseca a própria humanização dos seres humanos, logo o processo formativo é um devir inerente do próprio humano. Se a formação cognitiva está ligada ao devir, ela está ligada a autonomia e a emancipação dos sujeitos, cuja a busca do desenvolvimento de educação musical reflita na qualidade da formação humana. (SEVERINO, 2006). Diferente disso, a semiformação é “definição de uma produção simbólica em que prevalecem a adaptação e o conformismo, típicos da cultura massificada. (SEVERINO, 2006, p. 631).

A semiformação “cada vez mais aumenta a incapacidade do indivíduo de fixar sua atenção numa determinada informação, a ponto de poder elaborá-la como conhecimento” (ZUIM, 2011, p. 625), ou seja, ela nada mais é que um arcabouço das Indústria Cultural, pois massifica, aliena e fetichiza o pensamento ofuscando a criticidade, a autonomia e a emancipação do pensar na busca do devir formativo, pois só “A educação conforma os indivíduos, inserindo-os na sua sociedade, fazendo-os compartilhar dos costumes morais e todos os demais padrões culturais, com o fito de preservar a memória cultura”. (SEVERINO, 2010, p. 157).

O fato de a educação conformar e inserir os seres humanos na sociedade a partir das relações sociais, dando a essa coletividade modelo que configuram costumes (ethos), é o princípio da formação crítica, autônoma e emancipatória, oferecendo aos participantes desse processo a condição de sujeitos ético e políticos e acima de tudo conscientes do ser em si que está em construção.

Portanto, a formação cultural na visão de Dalbosco (2015, p. 126), possibilita “o desenvolvimento de todas suas potencialidades (faculdades) e em todas as direções, sem priorizar uma em detrimento das outras”, ou seja, exige dos envolvidos nesse processo uma arguição sensória, motora e intelectual para que haja a plenitude da formação humana, em que pese no âmbito do ensino da música.

Sendo assim, pelo ensino da música podemos tornar o ser humano emancipado e com poder de criticidade à luz de sua importância social e política no processo de formação pedagógica, porque sua dimensão é de amplitude humanística que liberta os seres humanos das amarras da Indústria Cultural, ou seja, uma educação musical que resista à alienação e que contribua com a formação da consciência com a premissa de uma escuta estético-racional e autônoma. “Apesar disso, é no olhar para o desviante, no ódio à banalidade, na busca do que ainda não está gasto, do que ainda não foi capturado pelo esquema conceitual

geral, que reside a derradeira chance do pensamento.” (ADORNO, 1993, p. 58). Logo, a partir dessa reflexão, surge o questionamento de como o ser humano pode se tornar autônomo e crítico por meio do seu ouvido pensante?

No momento em que o ser humano se liberta das amarras da Indústria Cultural e do fetichismo musical, ele consegue vislumbrar a experiência estética e sua autonomia da escuta. A fruição estética se condiciona às questões psicológicas despertando emoções e relaxando o ouvido a ponto de identificar os mais variados sons que até então não tinha a possibilidade, pois aqui a função psicológica se sobrepõe à função estética.

Na visão adorniana, as linhas gerais que deliberam sobre a regressão da audição versam que, para uma grande parte das pessoas, a música em sua contemporaneidade, cumpre apenas a função psicológica. Fica evidente que a sobreposição da função psicológica sobre a estética está ligada aos tipos de ouvintes, sobre os quais trataremos mais adiante.

Adorno (1995) busca identificar no humanismo o processo de musicalização infanto-juvenil, embasado na educação emancipatória, libertadora e crítica, a partir da multiplicidade cultural do sujeito, trazendo uma efetivação da educação que recoloca a sensibilidade na formação educativa dos sujeitos (sujeito/objeto), a fim de que passem a agir com base em uma racionalidade estética, na busca de que esse modelo educativo tenha a capacidade de transformar as relações sociais, cujo pilar seja a base educacional, como forma de autoproduzir e ressignificar a vivência a partir do Outro.

## **Considerações finais**

A análise da educação musical vinculada à ética/estética pode se relacionar com a alteridade como pedagogia formativa e autônoma a fim de resgatar a importância formativa das humanidades na escola, à luz de novas expectativas pedagógicas musicais, onde a relação ética/estética, na perspectiva do encontro com o outro e seus vários outros, bem como a relação entre a Grande Música e a música de massa como mercadorias, causam o esvaziamento da cultura musical na condição humana.

Portanto, esse artigo é pautado na educação musical onde haja uma formação pedagógica musical consonante com uma prática docente formativa. Tal construção está regulada dentro de uma ética educacional, onde a alteridade

ocorra por parte de uma educação musical autônoma que ofereça práxis pedagógica.

Por conseguinte, buscou-se aqui um viés para uma educação musical, valorizando a Grande Música, assumindo seu lugar enquanto componente curricular, podendo ser vista como reflexo de um processo formativo demonstrando sua alteridade dentro da educação.

## Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

ADORNO, Theodor W. **Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada**. Tradução: Luiz Eduardo Bicca. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1993.

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W. **Textos Escolhidos**. Consultoria: Paulo Eduardo Arantes, São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda/SP, 1996.

ADORNO, Theodor W. **O Fetichismo na música e a regressão da audição**. Textos escolhidos. São Paulo: Nova Cultural. (Coleção Os Pensadores). 2000.

DALBOSCO, C. A. **Educação superior e os desafios da formação para a cidadania democrática**. Avaliação. Campinas; Sorocaba, SP, v. 20, n. 1, p. 123-142, mar. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/QDSV7wHqtszRMqYYrnGrdZf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: Set. de 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.32, n.3, p. 619-634, set./dez. 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Desafios da formação humana no mundo contemporâneo**.

Recebido em: 10/05/2022

Aprovado em: 13/08/2022